



Fotografia - Instrumento de registro e alguns efeitos de inovações tecnológicas¹

Mariana Capeletti CALAÇA²
Erick Rôso HUBER³

Resumo

Nós conseguimos nos definir enquanto indivíduo e enquanto grupo, baseado nos eventos, pessoas, locais, com os quais interagimos durante nossa vida. Cada um de nós é dotado de memórias particulares e, enquanto grupo, memórias coletivas. Essas memórias – ou identidades – variam para cada um devido à riqueza de fenômenos com que cada um tem contato. É fato, também, que ao longo da vida, as recordações vão diminuindo e faz-se necessário ter registros dessas memórias. A fotografia, como um meio de comunicação, é capaz de contar para gerações futuras o que marcou uma época, sejam crenças, costumes ou eventos. O objetivo deste trabalho é justamente identificar e justificar a fotografia como um artifício singular para esse propósito e alguns efeitos de inovações tecnológicas

Palavras-chave

Fotografia; memória; registro; tecnologia.

Corpo do trabalho

“Fotografia é memória e com ela se confunde”
(Boris Kossoy, 2001)

Quando um computador estraga uma das primeiras frases ou pensamentos que os proprietários têm é: “E meus arquivos?”. Essa frase é representativa do desespero de perder informações importantes. E quando, entre os arquivos, estão algumas fotos? E quando as fotos são de uma família? Ou, pior ainda, quando o proprietário é um fotógrafo? Sem sombra de dúvida podemos falar em um razoável prejuízo profissional e/ou sentimental. Neste trabalho buscaremos tratar da importância da fotografia como um artifício de preservação da memória histórica para grupos sociais (em especial a família) e para a sociedade como um todo.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Universidade Católica de Goiás – Graduanda em Publicidade e Propaganda. - marianacapeletti@gmail.com

³ Universidade de Brasília – Mestrando em Ciências do Comportamento - erick.huber@gmail.com



Cada meio social tem em seu povo uma memória particular que é responsável pela formação da identidade desse grupo. Essas lembranças podem ser coletivas e compartilhadas por cada membro da sociedade e gerar uma memória particular capaz de influenciar a identidade de cada um.

Antes de prosseguir, cabe definir o que é uma memória e posteriormente traçaremos a relação da fotografia com essa memória. Para Gil (2002): “A memória é essa aptidão que, ao possibilitar que a pessoa se lembre, permite também a todo ser humano se reconhecer num presente, que é produto da sua história e a raiz do seu futuro” (GIL, 2002:171). O autor afirma ainda que a formação de cada ser é resultante de todos os fatos que ocorrem durante a sua vida, do nascimento até informações e habilidades que cada indivíduo adquire durante seu desenvolvimento. A memória então é uma forma do ser humano entender quem ele é através de lembranças que ele guarda ao longo de sua existência.

Ratey (2001) afirma que as nossas memórias “mudam na mesma medida em que mudamos com o passar do tempo. Novas experiências mudam as nossas atitudes e, portanto, como e o que recordamos.” (RATEY, 2001:209), por isso um mesmo acontecimento pode ser lembrado de uma forma diferente por cada pessoa. Ratey divide a memória em vários grupos, um deles é a memória episódica (do grego *uma história*), que nos torna capaz de situar fatos e eventos no tempo e de se fazer livre referência a eles. Essa memória permite que façamos uma viagem pelo tempo e recordar momentos do passado ao vivenciar uma lembrança. Ela constitui o contador de histórias que existe em cada um de nós e está suscetível a distorções em função de estresse, medo ou o passar do tempo. À medida que o tempo passa, estamos mais propícios a ter lapsos de memória e esquecermo-nos de alguns fatos que ficaram distantes. Uma forma de retomar tais lembranças e preservar nossa identidade é através das fotografias tiradas e guardadas ao longo dos anos.

Vale salientar aqui a diferença apontada por Felizardo e Samain (2007) na definição do conceito de memória. Os autores colocam que num primeiro momento é possível pensar a memória como um traço individual e próprio de cada um, talvez até pela tradição semântica em que a palavra memória é ligada a processos neurológicos. Citando Halbwachs (1990, apud Felizardo & Samain, 2007) eles ponderam a importância de também entender a memória enquanto um fenômeno coletivo e social em transformação constante.



Em resumo, percebemos que o termo memória apesar de fortemente vinculado às relações neurológicas, indica também a idéia de registro do “caminhar” de uma comunidade ou indivíduo. Como memória, entendemos então, falar não só das experiências vividas por cada um mas também da formação de uma identidade social. Essa identidade social fornece informações sobre cada grupo e agrupa e desagrupa membros, considerando as características e comportamentos de cada um.

Apesar de um instrumento muito antigo, para uso profissional ou entretenimento, a fotografia permanece viva e sem ameaças quanto à sua sobrevivência. Por que, exatamente, isso acontece? A resposta está justamente na função fotográfica: entre outras funções, a fotografia representa um instrumento singular ao registrar identidades sociais e repassá-las às gerações futuras. Ela tem o poder de imortalizar uma época e de contar para a posteridade o que outrora foi importante o suficiente para ser registrado (Pinheiro, 2000).

Para Barthes (1984) “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984:13). A fotografia não existe simplesmente com a função de imitar a realidade, mas sim de prolongar aquilo que existiu um dia. Assim, a fotografia funciona como uma memória social que é capaz de eternizar pessoas, locais, momentos que provavelmente não se repetirão. Nesse sentido, Barthes (1984) ressalta a importância da fotografia no registro da história de grupos como também aponta Bourdieu (1965).

Para Dubois (1993) “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS;1993:25). A fotografia é a melhor forma que temos para provar que algo aconteceu: onde estivemos, com quem e em qual período. Leite (1993) afirma “Algumas pessoas não se lembram do que aconteceu, mas do retrato do que aconteceu” (LEITE,1993:18). É possível que, ao tentar recordar um fato da vida, você lembre com clareza alguma foto daquele momento. Dessa forma, podemos dizer que a fotografia e a memória estão interligadas de forma única. Ao tentar recordar traços físicos e de personalidade de nossa infância, é possível que vários detalhes sejam perdidos. Esses “detalhes” (enquanto formadores da nossa identidade, eles não devem ser tratados como detalhes) podem permanecer vivos através da fotografia. Isso sem considerar que a fotografia contribui para o registro pessoal e memorização de informações que seriam perdidas com o passar do tempo ou com os lapsos de memória que estamos sujeitos a viver.



Guran (2000) coloca que uma das vantagens da fotografia é que, pela sua própria natureza, ela obriga uma percepção diferente daquela exigida por outros métodos; ela dá acesso a informações que de outra maneira seriam descritas de forma incompleta ou errônea. Kossoy (2005) define a fotografia como tendo múltiplas faces e realidades. Uma delas, mais evidente, é o que literalmente está na imagem: se uma paisagem litorânea, então praia com coqueiros. As outras faces são os elementos intrínsecos que não podemos enxergar, mas que percebemos; é o que a foto representa: os sentimentos, desejos e emoções que ela desperta. Ou seja, a imagem carrega significados e fragmentos de informação (Andrade, 2002) e os resume em uma fonte de informação que deve ser lida de forma diferenciada.

Alguns autores (Barthes, 1984; Bourdieu, 1965) já ressaltaram a importância da memória para os vários grupos, e um dos grupos que mais utiliza a fotografia enquanto registro de memória coletiva é a família. Bourdieu (1965) ressalta não só a importância da fotografia para o grupo, em especial a família, mas também seu papel histórico e também de mantenedora da união e coesão deste grupo. Quando nos deparamos com antigos álbuns de família temos um reencontro com o passado. Às vezes não nos recordamos por inteiro do momento vivido naquele período mas acabamos por interpretar a imagem e transformando uma lembrança em história.

Leite (1993) verificou que as fotografias familiares estavam presentes em todas as classes sociais, em diferentes regiões e épocas. As fotografias geralmente retratam momentos festivos onde a família se reúne. A autora notou também uma padronização nas imagens: a estrutura das fotos, as festas, reuniões que eram registradas em um grupo familiar se repetiam em outros. A autora afirma também que a fotografia permite transformar as pessoas em objetos-imagem que se manterão presentes em momentos sucessivos da vida ou ficar na memória.

Borges (2003) denota outra função da fotografia no registro da história familiar. A autora coloca que ao tirar fotos de uma família, registrava-se os papéis sociais ali estabelecidos. Esses papéis sociais criam a identidade do grupo e institui parte da memória dos membros. Outro aspecto que a autora chama atenção é para a possível interferência do olhar do fotógrafo no registro desse grupo e sua identidade, em especial para fotos produzidas em estúdios. Esse aspecto é perceptível ao avaliar como eram os estúdios que faziam esse tipo de trabalho: em geral dispunham de vários apetrechos para decoração, como cortinas, planos de fundo, roupas, acessórios, etc. Pinheiro (2000) também aponta essa interferência ao definir a fotografia como um olhar que interpreta: a



história de vida, cultura, emoção do apreciador sem dúvida influenciam naquilo que é registrado.

Se por um lado, a fotografia registrava o papel social dos membros, por outro lado poderia inferir traços que não eram característicos daquele grupo em outro contexto. Essas mudanças no perfil de trabalho do fotógrafo resulta da democratização dos valores e símbolos fotográficos (Borges, 2003) ou ainda mais: do alcance profissional que a fotografia atingiu, em termos mercadológicos.

Ao revirar os álbuns de nossos pais e avós, logo nas primeiras páginas, lembranças aparecerão e comentários como “*Olha isso... Olha aquilo... Você se lembra disso?*” surgirão. Observando álbuns antigos é possível perceber a quantidade de informações que estarão presentes, não só informações físicas, mas sociais e culturais. No caso da família, essa é a herança que os ancestrais deixarão através da fotografia: o registro da história individual e também daquele grupo específico. Talvez as pessoas envolvidas na foto sequer tenham noção da importância daquele registro e considerem, no máximo, que a fotografia é uma forma de dizer que existiram e que tiveram uma história com momentos importantes que valeram a pena ser fotografados. Porém, um olhar mais atento evidencia novamente a importância da fotografia enquanto registro histórico. Neste caso, estamos focando a importância para um grupo específico, mas é possível extrapolar essa análise para a história da sociedade como um todo e também para o próprio desenvolvimento da fotografia e sua história (o fotojornalismo, a fotografia na era da internet e seus novos papéis, etc).

Borges (2003) considera que a fotografia deixou a aristocracia e alta burguesia e começou a se popularizar (em meados do século XIX) através de inovações técnicas; essas inovações também criaram condições para o desenvolvimento da fotografia comercial e industrial. A era digital e o desenvolvimento de tecnologias proporciona não só uma nova identidade para a fotografia mas também mudanças comportamentais em relação à ela e ao ato de fotografar. É perceptível, entre outras mudanças, que os álbuns impressos saíram de cena enquanto que imagens virtuais tomaram seu lugar. Hoje em dia, montar álbuns e ter as fotografias impressas se tornou mais raro. Esse aspecto, tradicional na maioria das famílias, está hoje em processo de extinção.

Parte da motivação para essa mudança é que agora as fotos podem ser visualizadas e apagadas instantaneamente. Outros artifícios contribuíram e deram um ar ainda mais moderno: caso uma foto não seja do agrado é possível fazer manipulações e modificações e torná-la mais agradável, entre várias outras possibilidades de tratamento



de imagem. Essas manipulações e modificações podem ser vistas como alterações na realidade e trazem a possibilidade de que algumas mudanças na foto passem a ser vistas não como uma alteração da realidade, mas como realidade em si. Hoje é comum ver pessoas no dia-a-dia com máquinas de bolso, registrando seus momentos. Há uma década atrás isso não era observado. Essas mudanças comportamentais são, aparentemente, permanentes. Preços acessíveis, máquinas de fácil manuseio, tratamento de imagens, essas facilidades contribuíram para o aumento do alcance da fotografia e da popularização desse instrumento. É mais cômodo e menos custoso armazenar fotografias em um disco rígido e em apenas dois cliques ter a foto na tela. Também ficou mais fácil compartilhar nossos momentos fotográficos, seja enviando as fotos para os conhecidos ou compartilhando em páginas da *web* públicas, como os sites de relacionamento. Nossas histórias agora podem ser vistas por qualquer pessoa onde quer que ela esteja. Qualquer um poderá mergulhar na memória e identidade do outro, através da fotografia. À partir desse momento, essa pessoa já pode começar a compreender o que cerca o outro.

Essa mudança comportamental (não fazer álbuns impressos e armazenar fotos no computador) possui vantagens e desvantagens. Um dos aspectos é que o acesso a máquinas de baixo custo possibilita qualquer pessoa manter registro de sua história. Isso sem falar em inovações como celulares com câmera, que registram acontecimentos inusitados do dia-a-dia e que ganham cada vez mais espaço em mídias grandes ou alternativas. Essa mudança também traz um risco à função de registro histórico: CDs e HDs podem estragar e levar com eles não somente os dados, mas toda uma história que era contada naquela foto.

Cartier Bresson, fotógrafo francês, afirma que “Não podemos copiar ou revelar uma memória”, mas é possível sim guardá-la em forma de fotografia. Cada foto registra um momento único, impossível de imitar, num dado momento do espaço e do tempo. Ao perder uma foto, perdemos também um pedaço da história. Considerando uma família onde fotos foram perdidas, é possível que filhos e netos não consigam imaginar com clareza os detalhes da época. Já com as fotografias disponíveis eles poderão não só observar os costumes do período, como poderão também se interessar por detalhes da foto que outras pessoas não haviam observado ainda. Sendo assim, a história da família se mantém viva através das fotografias, corroborando Kossoy (2001) quando diz “Imagens são documentos para a história” (Kossoy, 2001:16).



Considerações Finais

A importância da fotografia é evidente. Não apenas como uma arte, mas como um instrumento que mantém viva a nossa história. Como todo instrumento, ganha a cada dia uma nova função. Evoluções por um lado, desvantagens por outro: com o advento das máquinas digitais e efeitos alguns aspectos da fotografia diminuíram sensivelmente. Por um lado, essas novas funções podem ajudar em alguns casos (publicidade, por exemplo) mas acaba por minimizar aspectos como a qualidade do trabalho do fotógrafo ou ainda na perda de tradições ligadas à fotografia.

De qualquer forma, a fotografia permanece como uma ferramenta histórica e permanecerá nesse posto ainda por muito tempo. Afinal, como já colocado por Kossoy (2001) e Bourdieu (1965) a fotografia está em tudo e registra nossa evolução, enquanto pessoas e sociedade, na forma de documentos históricos.

O objetivo deste trabalho é justamente esse: avaliar essas mudanças e pensar sobre o papel da fotografia na sociedade na representação não só artística, mas histórica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: EDUC, 2002.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BOURDIEU, Pierre. **Un arte medio**. Barcelona: Editoria Gustavo Gili, 1965
- BORGES, M. E. L. . **História & Fotografia**. 1a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papyrus, 1993
- FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. **A fotografia como objeto e recurso de memória**. Discursos fotográficos. Londrina: v.3, p.205-220, 2007
- GIL, Roger. **Neuropsicologia**. São Paulo: Editora Santos, 2002
- GURAN, Milton. *Fotografar para descobrir; fotografar para contar*, in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, no.10, 1995.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- LEITE, Mirian L. M. **Retratos de Família**. São Paulo: EDUSP, 1993



PINHEIRO, Jane. *Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos*, in Cadernos de Antropologia e Imagem, no. 10, 1995.

RATEY, John J. **O cérebro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

SAMAIN, Etienne (org). KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia; LEITE, Mirian L. M. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. **O fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005